

Saúde Pública - a nossa hipótese de sobrevivência?



Francisco
Rodrigues

Professor Adjunto
Escola Superior
de Saúde
Dr. Lopes Dias
Instituto
Politécnico de
Castelo Branco

franciscob
rodrigues
@ipcb.pt

Com a velha máxima que nos é inculcada “a saúde pública somos nós e aquilo que fazemos para nos proteger”, o momento que vivemos é muito importante e deve ser utilizado como base para uma reflexão séria sobre o que significa para cada um de nós individualmente e o que significa para cada um de nós em função dos Outros a Saúde Pública. De livros, de documentários, de filmes todos temos a noção muito clara de pandemias, todos sabemos de histórias reais que ocorreram há muito tempo, para além dos nossos avós, em que um vírus, uma bactéria, uma “doença”, se espalhou pelo mundo e matou muitas Pessoas. Mas isso aconteceu porque “era há muito tempo”, “não havia a capacidade clínica que agora temos”, “o conhecimento científico era muito pouco”. Sim, porque agora isso é completamente impossível de acontecer... pelo menos era esta a perceção que tínhamos. Tenho a certeza de que se esta pergunta fosse feita há meio ano essa seria a resposta da maioria das Pessoas.

Mas temos conhecimento da existência de microrganismos muito mais agressivos, com taxas de mortalidade elevadíssimas (que em alguns casos atingem facilmente os 90%) e que dizimam comunidades/aldeias completas, mas que não têm o mesmo impacto...porque acontecem em zonas onde a economia não impera. E uma vez mais, como estão longe não no tempo, mas no espaço, está tudo bem, temos pena quando vemos as notícias e a seguir continuamos a nossa vida.

De repente começamos a ouvir algumas informações que apontavam para um vírus na China que estava a fazer bastantes estragos. De seguida já não estava na China, mas ainda estava longe da Europa. Contudo, num ápice, já estava perto e a apresentar uma devastação enorme. Os números galopantes que nos eram apresentados, sempre baseados na parte negativa (mortos) eram deveras ameaçadores e estavam a preparar todo um caminho de trevas.

Mas aqui é importante, numa pausa, refletirmos o porquê de isto ter acontecido. O porquê de ser transmitida a mensagem sempre na perspetiva mais assustadora, nunca na única forma de informação aceitável – a verdadeira. E a sequência de acontecimentos foi tão grande, que caímos num vazio profundo que nos tornámos Todos verdadeiros especialistas em Saúde Pública. As medidas que nos foram impostas e que nos impusemos a nós mesmos, em alguns casos deveriam ser uma rotina nas nossas vidas, mas que naturalmente não são – e é por isso que estávamos errados? É por isso que agora estamos certos? É algo que vamos ter presentemente e depois nos esquecemos? Se nos lembrarmos dos noticiários há um ano, há dois anos, as manchetes centravam-se em idosos que enchiam serviços de urgência sem capacidade de resposta, acometidos pelo vírus da gripe; se fizemos um esforço um pouco maior e nos lembrarmos dos anos de 2009/2010 percebemos que tivemos na semana 47 de 2009 mais de 35 mil casos

de infeção pelo vírus da gripe (H1N1) – dados Direção Geral Saúde. Naturalmente são vírus diferentes, mas apresentam semelhanças, inclusivamente na forma de transmissão entre Seres Humanos. E quais foram as medidas adotadas? O que aprendemos?

O pânico espalha-se muito mais rápido do que qualquer vírus e tem consequências muito mais desastrosas. O pânico leva a atitudes em massa que podem colocar-nos em causa.

Os exemplos abundam, são cada vez mais notórios e fragmentadores: há pouco tempo a sociedade esteve contra as greves dos Profissionais de Saúde, hoje os Profissionais de Saúde são idolatrados e vistos na capa de heróis; idosos abandonados em lares sem qualquer visita há meses, têm fila de espera à porta de familiares indignados porque ainda não sabem o resultado de um teste; Instituições de Saúde que “expulsaram” estagiários, passando-lhes quase a mensagem de que em tempos de pandemia podem fugir, agora clamam pelo seu regresso, como Voluntários ou em alguns casos como Profissionais de Saúde. Resta-nos perceber de que forma é que fomos expostos a este pânico e devemos estar muito atentos ao que vem a seguir, ao que vai sobrar depois da passagem da turbulência, o que vai ficar e como vamos ficar enquanto sociedade. Será que o Mundo permanece preparado para que tudo regresse ao que era? Existirão guerras ideológicas, xenófobas, baseadas no medo do que aconteceu, apoiadas na figura do salvador que nos vai proteger de nova investida do que vem “de fora”? A autópsia o dirá, esperemos é que os ensinamentos se mantenham vivos. Precisamos mesmo que a Saúde Pública seja o nosso foco, e não apenas no paradigma que a conhecemos, mas numa abrangência de tal forma lata que já não tem de nos ser incutida, passa a inata, a integrar o ADN e a fazer parte de um património genético preservável entre gerações. E como Todos Somos Saúde Pública, teremos de saber sobreviver enquanto espécie, protegendo-nos e tendo o bem comum como o único objetivo.